

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

*O ENSINO DA LITERATURA NAS ESCOLAS:
POR QUE OS JOVENS SE TORNAM ADULTOS NÃO LEITORES?*



BEATRIZ AMARAL HENRIQUES

Rio de Janeiro
2024

*O ENSINO DA LITERATURA NAS ESCOLAS:
POR QUE OS JOVENS SE TORNAM ADULTOS NÃO LEITORES?*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anabelle Loivos Considera

Rio de Janeiro
2024

Sumário

1. Introdução	4
2. Principais causas do afastamento dos jovens no mundo da leitura	8
3. Os livros paradidáticos na formação de jovens leitores	11
4. O professor leitor	13
5. Considerações finais	15
Referências bibliográficas:	17

RESUMO

O afastamento dos jovens da leitura é um problema crescente, especialmente na adolescência, influenciado por fatores como o uso excessivo de tecnologias e métodos pedagógicos desestimulantes. Esta monografia tem como objetivo identificar os motivos do desinteresse e propor estratégias que incentivem o hábito de leitura entre jovens. A pesquisa adotou uma metodologia exploratória, com análise de dados da "Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil" (2019) e revisão bibliográfica sobre práticas pedagógicas. Os resultados mostram que o papel do professor é crucial para a formação de leitores, exigindo abordagens criativas, como uso de livros paradidáticos e práticas alinhadas à BNCC. Conclui-se que a leitura pode ser transformada em uma atividade prazerosa e significativa, contribuindo para o desenvolvimento cultural e crítico dos jovens.

Palavras-chave: leitura, jovens, educação, práticas pedagógicas, BNCC.

1. Introdução

Antes de começar a encher essa monografia de artigos científicos e de referências bibliográficas, confesso que optei por fazer a parte mais fácil e difícil desse texto: a introdução.

Ao conversar sobre o tema da minha conclusão de curso com a minha orientadora, sua sugestão era de que eu destrinchasse a minha vida de leitora; afinal, o meu trabalho é sobre as minhas maiores paixões: literatura e educação.

Ao pensar sobre como deveria começar esse texto, me deparo com um trecho de Paulo Freire:

A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado — e até gostosamente — a reler momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotos de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 1989, p. 9).

Assim, ao analisar a minha própria história, me pego refletindo sobre momentos da minha infância e adolescência até a prática da docência, e não posso deixar de começar citando uma frase que sempre escutei muito de pessoas próximas ao longo da minha jornada: “Você é muito questionadora”.

Durante muito tempo, achava que isso era algo ruim, que eu não deveria questionar e perguntar sobre tudo o que as pessoas falavam. Porém, ao me deparar com Paulo Freire, em sua obra *A importância do ato de ler*, fica claro que a leitura é também um ato crítico, já que somos sujeitos dotados de pensamentos e questionamentos. Devemos usar a leitura não somente como um *hobbie* ou para habilidades técnicas, mas para sabermos identificar os contextos sociais, históricos e políticos presentes não só em textos escritos, mas na fala do outro, com o intuito de podermos nos posicionar quanto a isso.

Outro ponto importante sobre a minha trajetória que eu gostaria de destacar é o quanto as nossas crianças e jovens precisam de bons exemplos, dentro e fora de casa, para se tornarem grandes amantes da literatura.

Venho de uma família de muitos leitores: minha avó materna sempre foi uma leitora voraz e seu sonho era ser professora. Infelizmente, sua infância difícil em Portugal não permitiu que ela sequer concluísse a escola. Por isso, ela veio para o Brasil, conheceu meu avô e tiveram duas filhas; minha mãe, a mais velha, acabou se tornando pedagoga e alimentando as mesmas paixões pelos livros.

Desde bebê, eu já era fomentada pelas histórias, pois minha mãe estava sempre me levando a espaços culturais, teatros, e contava histórias para mim, sempre instigando meu anseio pelo conhecimento. Com o tempo, fui crescendo, lendo pequenas histórias, gibis da turma da Mônica, crônicas, romances, livros do meu interesse - até que cheguei aos clássicos universais.

Conforme ia crescendo, eu criava desafios literários, aumentando o número de páginas lidas, tentando conhecer autores e gêneros diferentes, e isso fez com que eu pegasse cada vez mais gosto pela leitura.

Todavia, não é o que eu vejo acontecendo na maioria das casas dos alunos e de amigos próximos; inclusive, professores da Faculdade de Letras dizem não gostar de ler.

Como um professor que não tem o hábito de leitura e não tem amor pelos livros irá ensinar outros jovens a gostarem de ler também?

Esse é um dos grandes desafios das escolas brasileiras, pois, segundo a pesquisa feita pela agência Brasil:

Um dos fatores que influencia a leitura, de acordo com o estudo, é o incentivo de outras pessoas. Um a cada três entrevistados, o equivalente a 34%, disse que alguém os estimulou a gostar de ler. Os professores aparecem em primeiro lugar, apontados por 11%. Em segundo lugar está a mãe ou responsável do sexo feminino, apontado por 8%, e, em seguida, está o pai, responsável do sexo masculino ou algum outro parente apontado por 4% (Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>; acesso em: 21-08-2024).

Ou seja, o incentivo do professor, a escolha certa dos livros e, principalmente, a forma como são abordados a literatura e os livros paradidáticos nas escolas são fatores determinantes para que o aluno seja estimulado a ler e a desenvolver o prazer pela leitura.

Tal pesquisa me recorda de um episódio ocorrido na minha época de escola: quando fiz 14 anos, troquei de colégio e, no primeiro dia de aula de português, lembro-me de a professora perguntar aos alunos quantos livros cada um tinha lido nas férias. Ao chegar a minha vez, eu respondi que tinham sido dez, ela simplesmente me olhou incrédula e me fez uma série de perguntas sobre os livros, me indagou sobre os títulos, me fez outras perguntas relacionadas a eles, entretanto não porque ela estivesse surpresa positivamente, mas sim porque ela achou que eu havia mentido. Afinal, que adolescente de 14 anos lia dez livros em um mês de férias? Na época, fiquei magoada, não entendi a implicância dela, mas hoje eu entendo.

A realidade do brasileiro não é essa, ainda mais em se tratando de uma geração com tantas distrações, a maioria da população prefere gastar seu tempo livre com filmes, séries e jogos *on-line*. Livros se tornam algo cansativo, pois é preciso ter uma concentração maior e, na era digital, é mais fácil e prático se distrair com aparelhos tecnológicos do que ler um livro e deixar a imaginação fluir.

Outro episódio de que me recordo e que reforça a questão da influência literária na minha adolescência é o fato de eu gostar muito de ler e não conhecer quase ninguém que compartilhasse desse hábito. Então, comecei a questionar alguns amigos sobre o motivo pelo qual eles não liam. E a resposta era sempre a mesma: não gosto de ler.

E eu indagava: — Mas, por que não? Quais livros você já leu?

E as respostas sempre eram as mesmas: ler é chato, só leio os livros que me obrigam a ler na escola etc.

Tive especialmente dois amigos que não gostavam de ler, para quem comecei a emprestar livros com temática jovem e de máxima identificação com a fase que eles estavam vivenciando. Escolhi títulos que estivessem de acordo com alguns gostos pessoais deles, como gostar de assistir a filmes de terror, suspense ou romance, por exemplo. O resultado foi que eles tomaram gosto pela leitura e hoje em dia são adultos que leem muito. Ambos se tornaram professores também e disseminam, em suas aulas, a paixão pela literatura.

O meu amor pelos livros e meu trabalho de incentivo fez com que eu mudasse a percepção de que ler era algo chato para duas pessoas que, mais tarde, se tornaram leitoras. Com o tempo, minha paixão foi crescendo cada vez mais, percebi a minha

vocação para ensinar e não tive outra opção senão me especializar na área, indo para a melhor faculdade de Letras-Literaturas do Brasil: a UFRJ.

Enquanto estava no curso, trabalhei como livreira na Livraria da Travessa, experiência incrível para quem está se formando na área, pois, além de estar perto de obras de múltiplos gêneros e interesses, a instituição está sempre promovendo eventos culturais, sessões de autógrafos, rodas de leitura, leituras dramáticas dentro de seus espaços, fazendo essa intertextualidade entre literatura, teatro e cultura.

Além disso, estar em um ambiente como esse nos propicia manter contato com pessoas que também leem, sejam livreiros ou clientes; portanto, era um lugar de troca de ideias e debates. As editoras, também sempre bastante presentes, nos forneciam livros gratuitamente, o que me ajudou na criação de um clube do livro *on-line*.

A cortesia das editoras e os *e-books* foram essenciais para que, na pandemia, eu aproveitasse o tempo ocioso para criar um clube do livro *on-line*, para o qual pude convidar meus amigos e pessoas que nunca havia visto, a fim de discutirmos e socializarmos nossas impressões de leitura durante um período tão sombrio. Tivemos grandes discussões sobre *1984*, de George Orwell, *Lolita*, de Vladimir Nabokov, *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald ou até *Os crimes ABC*, de Agatha Christie.

Agora, nada mais justo que encerrar este ciclo com uma monografia que fale justamente sobre a literatura e o ato de ensinar, tão caros a mim, desde sempre.

Portanto, ao longo deste trabalho, procuro traçar um panorama que explora não apenas minha relação pessoal com a leitura, mas também os desafios enfrentados no âmbito escolar, na formação de leitores críticos e apaixonados por literatura. A estrutura dos capítulos reflete essa jornada: partindo de uma análise teórica sobre a importância da leitura como um ato crítico e transformador, embasada em autores como Paulo Freire, avanço para discutir o papel da escola, das famílias e dos professores na criação de um ambiente favorável à leitura. Em seguida, trago reflexões sobre metodologias pedagógicas e experiências práticas que podem ser implementadas para despertar o interesse dos alunos pela literatura, equilibrando a liberdade de escolha com a necessidade de abordar textos obrigatórios.

A abordagem adotada considera, ainda, as transformações culturais e tecnológicas que impactam o hábito de leitura, reconhecendo a importância de espaços como bibliotecas

e eventos literários no fomento de uma comunidade leitora. Para além de expor as dificuldades, busquei propor soluções viáveis e criativas que unam o prazer da leitura ao aprendizado formal. Assim, este texto não se limita a identificar problemas: ele visa a ser uma ferramenta que inspire mudanças no ensino de literatura e na formação de jovens leitores.

Espero que este texto possa contribuir positivamente para discutir os problemas enfrentados pelos educadores na formação de jovens leitores, mas que também proponha possíveis soluções para juntos formarmos um Brasil com cada vez mais amantes da literatura.

2. Principais causas do afastamento dos jovens no mundo da leitura

Em 2001, foi criada a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, mas foi em 2007 que ela começou a abordar a metodologia de pesquisa que tinha o objetivo de avaliar o comportamento do leitor brasileiro. Seus resultados fazem com que possamos refletir, discutir e buscar novas maneiras de melhorar os índices de leitura no país.

Na última pesquisa, feita em 2019, com data de publicação em 2020, com uma amostra de 8.076 entrevistados em 208 municípios, chegou-se a definições para que os sujeitos fossem considerados leitores: aquele que tenha lido um livro inteiro ou por partes nos últimos três meses, e era considerado não leitor; enquanto aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses, foi considerado não leitor.

Segundo dados da pesquisa, 38% dos leitores de literatura destacaram que o principal motivo para ler um livro é por gosto.

Atrelado a isso, a única faixa que apresentou aumento de leitores foi a de cinco a dez anos, que passou de 67% em 2015 para 71% em 2019. Entretanto, esse número diminuiu na faixa de 14 a 17 anos, seguida da faixa de 18 a 24.

Quando foi perguntado aos entrevistados: Com que frequência lê livros de literatura indicados pela escola como contos, crônicas, romances ou poesias? Todas as faixas que ainda estão na escola, ou seja, de cinco a 17 anos, a maior porcentagem era a de que admitiram não ler o que a escola propõe.

Quando os leitores foram questionados se gostariam de ter lido mais, 82% em 2019 afirmaram que sim, e os motivos de não terem lido mais foram: em primeiro lugar, por falta de tempo (47%), e em segundo lugar porque preferem outras atividades (9%). Já entre os não leitores a falta de tempo ficou em primeiro lugar (34%), seguida do fato de não gostar de ler (28%).

Com isso, chega-se à pergunta: O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

As cinco atividades mais citadas foram: em primeiro lugar, assistir a televisão (67%); em segundo lugar, usar a Internet (66%); em terceiro lugar, escutar música ou rádio (60%); em quarto lugar, usar o WhatsApp (62%); e, em quinto lugar, assistir a vídeos ou filmes em casa (51%). Nota-se que todas as atividades descritas pelos entrevistados como sendo as que os impediram de ler estão relacionadas com a tecnologia.

Por isso, é importante ressaltar que, no texto *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*, de Graça Paulino e Rildo Cosson (2009), lemos que:

Não há, portanto, para letramento, "uma definição única e universal"; ao contrário, "seu sentido tem mudado com o passar do tempo de uma 'decifração' elementar da informação escrita para uma gama de habilidades e competências mais complexas e diversificadas" (PAULINO & COSSON, 2009, p. 63).

Ou seja, a escrita e a oralidade não são as únicas formas de letramento, pois, a partir do século XIX, vemos o avanço da tecnologia e de novos tipos de linguagens sendo incorporados ao uso pelos falantes da língua. Com isso, surge a proposta de multiletramentos do New London Group, segundo a qual se recusa:

a noção de letramento "centrado somente sobre a língua, e usualmente sobre uma única forma nacional singular da linguagem", cunha o termo "multiletramentos" para centrar-se sobre os modos de representação em geral que se encontram tanto na "multiplicidade de canais de comunicação e mídia" quanto na "crescente projeção da diversidade linguística e cultural" (THE NEW LONDON GROUP, 1996, p. 66).

É indiscutível o papel da tecnologia e de todas as áreas que surgiram junto ao rebote dela, desde as novas profissões como marketing digital, influenciadores, técnicos de informática, entre outros, além da globalização, que fazem com que o sujeito tenha a possibilidade de se adequar. Entretanto, cabe um olhar atento principalmente para os jovens, que, segundo a pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", diminuem seu tempo de leitura e perdem o interesse por ficarem horas nos dispositivos móveis.

Outra parte importante da pesquisa diz respeito a quais pessoas influenciaram o gosto pela leitura, e neste tópico a figura do professor surgiu em primeiro lugar. Entretanto, percebe-se que, em 2015, apenas 7% votaram na influência do professor; e, em 2019, esse índice subiu para 11%. A mãe ou responsável do sexo feminino vieram em segundo lugar, em 2015 (11%) e também em 2019 (8%), e em terceiro o pai ou responsável do sexo masculino, com 4% em 2015 e também em 2019. Pode-se afirmar que são números baixos, já que os professores, junto com a família, têm o papel de incentivar a leitura desses jovens.

Em 2019, também foi feita a pergunta: Como começou a se interessar por literatura? Esse questionamento foi feito para leitores de literatura, independentemente do suporte (digital — *e-book*, PDF, *kindle*, *etc.* — ou físico); e, mais uma vez, a indicação de professores ficou em primeiro lugar.

Com base nas pesquisas feitas, é possível destacar o texto *Letramento literário*, de Graça Paulino e Rildo Cosson (2009), que defendem ser importante que a escola se baseie no conhecido e no palpável, pois pouco se busca o espaço para o debate, ou o do estranhamento e de novas perspectivas sobre um texto. Os livros didáticos com perguntas e respostas prontas são mais valorizados, e formam o bom aluno repetidor, ao invés de criarem espaços em que esse estudante possa pensar por si próprio. Podemos comprovar essa ideia no seguinte trecho:

Quando surgem textos e práticas que permitiriam uma interação questionadora, poética, diferente, aberta, a tendência dos educadores é pautar-se pela reação da maioria e negar as produções de sentido imprevistas no contexto da comunidade escolar de leitores e produtores de texto, caracterizada pela homogeneização. A identidade do sujeito da linguagem é negada em nome de consensos (PAULINO & COSSON, 2009, p. 71).

Além disso, quando o aluno entra no ensino médio, as aulas de português e literatura são usadas para registrar biografias, estudar escolas literárias e conhecer autores consagrados, nem sempre para apreciar seus textos, mas para decorar informações que serão importantes para os vestibulares, e não para a formação de alunos enquanto sujeitos críticos.

Essa ação pedagógica equivocada resulta em alunos sem autonomia para suas próprias escolhas literárias, como defendem Paulino & Cosson (2009, p. 72):

Assim [os alunos], saem da escola sem formação para a escolha de livros de acordo com seus interesses estéticos e culturais, já que essa autonomia exige conscientização de preferências por certos gêneros, certos autores, certas tendências e afirmação de um pertencimento identitário.

Junta-se esse fator com a faixa etária em que geralmente os estudantes querem se concentrar em jogos eletrônicos, sair, namorar, assistir a séries e ouvir música, fazendo com que os jovens acabem se dispersando do mundo da leitura.

O professor é limitado com poucos horários de aula, em que precisa ministrar variados conteúdos e geralmente não tem tempo de ler livros ou fazer rodas de leitura em sala de aula. Esta seria uma prioridade do trabalho docente com a leitura, conforme expressa a habilidade EF69LP46 da BNCC — Base Nacional Comum Curricular:

Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.) dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva (disponível em: BRASIL, MEC, 2023, <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/bncc-2013-ensino-medio>; acesso em: 20-09-2024).

Também por não terem tempo hábil para determinadas atividades, resta aos docentes indicar leituras fora do ambiente escolar, sem mediação adequada, seguidas de provas do livro, seminários e debates que às vezes parecem não ter objetivos muito bem traçados. Tais propostas equivocadas, atreladas às descobertas do mundo iniciadas na fase da adolescência, podem esvaziar “a força e a própria identidade da literatura e de seus possíveis leitores e produtores de textos” (PAULINO & COSSON, 2003, p. 73).

3. Os livros paradidáticos na formação de jovens leitores

Começamos este capítulo frisando que há uma diferença entre os livros didáticos e os paradidáticos. O livro didático é um recurso pedagógico do professor, no qual estão presentes os assuntos que devem ser abordados durante o ano letivo. Apesar de o livro didático ser usado, na maioria das vezes, como o único material do docente, é

importante destacar que esse não é o único suporte que o professor deveria ter dentro de sala de aula; porém, muitas das vezes, acaba sendo a sua única ferramenta de trabalho.

Já os paradidáticos, cujo incremento editorial acontece na década de 70, têm a finalidade de estimular a leitura entre as crianças. A sua função também é dar apoio aos professores, mas não há obrigatoriedade de usá-los em uma disciplina exclusiva (como, por exemplo, só em língua portuguesa ou literatura) ou em um segmento específico. Como afirmam Souza & Cosson (2013, p. 201), este material “tem a declarada intenção de ensinar, porém ensinar de forma lúdica, apoiada em textos que envolvem o tema a ser explorado”. Apesar de, na maioria das escolas, os livros paradidáticos serem adotados pelos professores de português/literatura, ele pode e deve ser compartilhado por quaisquer disciplinas.

Além disso, os livros paradidáticos são uma ótima escolha para formar leitores, pois, além de terem uma linguagem mais simples, e muitas vezes serem indicados para determinadas faixas etárias, também abordam temas atuais e que podem contribuir para o desenvolvimento pessoal do estudante. De acordo com LAGUNA (2001, p. 48), os paradidáticos possuem “preços populares; longa vida editorial; direcionamento a crianças e jovens, além do espaço escolar e temas literários e transversais”.

É possível afirmar também, com base no capítulo “A importância do livro paradidático na formação de leitores literários nas escolas”, de Edileuza Batista de Araujo; Nilo Marinho Pereira Junior; Janete Silva dos Santos, do livro Ensino de Literatura e de Leitura Literária: desafios, reflexões e ações (SILVEIRA & BATISTA [orgs.], 2019, p. 201) que:

Ainda assim, a formação de leitores literários acaba ficando, de certa forma, sob a responsabilidade dos professores, uma vez que a mesma é priorizada na escola, pelo menos é o que se espera, por isso a ênfase nesse sentido. Ratificando, é possível despertar o gosto pela leitura literária no ambiente familiar, através dos pais ou pessoas do convívio do futuro leitor, mas é na escola que essas habilidades irão ganhar destaque e até mesmo um sentido mais funcional.

É importante ressaltar que a tarefa de incentivar a leitura é prioritariamente da escola, até porque, caso a criança não tenha contato com o livro no âmbito familiar, é possível tê-lo na ambiência escolar, seja em sala de aula ou na biblioteca.

Portanto, como já citado nesta monografia, quando o professor é o mediador, junto com os recursos de livros paradidáticos, a proposta de leitura na escola passa a ser fundamental para a formação de leitores literários. As experiências vividas pelos estudantes com esse material fazem com que eles vivam vidas nunca pensadas, formem sua criatividade, questionem a realidade, tornando-os seres humanos mais empáticos, sensíveis e, por que não? Corajosos para as mudanças necessárias.

Tem sido cada vez mais difícil educar adolescentes leitores, que um dia se tornarão adultos leitores, pois os meios tecnológicos ou a falta de espaços propícios facilitam a dispersão dentro de sala de aula. Mas, o uso do livro paradidático e a mediação adequada podem ser formas de solucionar esse problema.

No próximo capítulo, discutiremos sobre uma problemática recorrente: como formar leitores se o próprio docente não for um professor leitor?

4. O professor leitor

Neste capítulo, discutiremos a relevância de ter um professor que cultive o hábito da leitura, já que é fundamental contar com bons profissionais para formar alunos reflexivos, críticos e pensantes.

Ao analisarmos o ambiente escolar, percebemos que, na infância, as crianças têm o primeiro contato com os livros. Quando apresentados de maneira dinâmica e lúdica, eles podem despertar um crescente interesse pela leitura. Atividades como rodas de leitura, contação de histórias, ciranda de livros, peças teatrais organizadas pelos professores e feiras literárias são bons exemplos.

Contudo, no ensino fundamental II ou médio, a abordagem divertida muitas vezes dá lugar a atividades obrigatórias focadas em avaliações escolares ou vestibulares. Essa transformação, no entanto, não é culpa exclusiva dos professores ou das instituições, mas reflete limitações impostas pela carga horária, fatores sociais e outros desafios.

Como afirmam Gomes, Furtado, Nascimento e Alves:

O problema relacionado à sala de aula é, muitas vezes, um reflexo dos próprios professores, os quais também não possuem o hábito da leitura e querem 'forçar' seus alunos a fazerem algo que nem eles mesmos fazem. Então, como ensinar e 'pregar' algo que não se pratica? É algo bastante contraditório, porque um professor que não lê é, de certa forma, incapaz de inspirar em outra pessoa o amor pela leitura (GOMES et al., 2022, p. 3).

Embora o sistema educacional nem sempre ofereça recursos ou condições favoráveis para práticas de leitura envolventes, o professor desempenha um papel crucial como incentivador. Nesta monografia, constatamos que muitos entrevistados começaram a ler graças à influência de seus docentes.

A leitura deve ser promovida como ferramenta para a autonomia e o pensamento crítico. Gomes et al. reforçam que

A leitura mecânica limita esse pensamento, é o que muitas vezes acontece na escola. A criança é limitada em seu pensamento quando a escola aborda dinâmicas que não dão espaço para se expressar (GOMES et al., 2022, p. 3).

Além disso, é essencial questionar o conteúdo lido, concordando ou discordando dos autores e debatendo os temas. A relação do professor como eterno aprendiz precisa ser estabelecida, incentivando a formação continuada. Assim, será possível apoiar estudantes que enfrentam dificuldades com leitura e escrita.

Santos, Fonseca e Alves destacam que:

Dados resultantes das avaliações externas sobre o uso da competência leitora no ensino de literatura brasileira sugerem que as aulas oferecidas em escolas estaduais não têm produzido bons índices de aprendizagem nesta área. Os fatores que podem estar influenciando nesses resultados aparentemente relacionam-se à formação dos professores e às formas como o conhecimento vem sendo construído no contexto escolar (SANTOS, FONSECA e ALVES, 2014, p. 5).

Dessa forma, a formação continuada do professor é indispensável. Um docente comprometido com o próprio aprendizado será mais capaz de engajar os alunos, criando aulas mais criativas e lúdicas, e incentivando uma juventude crítica e questionadora.

5. Considerações finais

Essa monografia buscou destacar a relevância do incentivo à leitura no ambiente escolar, reforçando o papel do professor como mediador e inspiração no processo de formação de leitores críticos e autônomos. No primeiro capítulo, discutimos a influência dos livros paradidáticos na introdução das crianças ao universo literário. Esses materiais, caracterizados por sua abordagem lúdica e interdisciplinar, possuem grande potencial para despertar o interesse pela leitura desde a infância, mas enfrentam desafios, como a falta de integração com outras disciplinas e o uso restrito ao ensino de Língua Portuguesa.

No capítulo seguinte, abordamos as dificuldades de continuidade deste incentivo no ensino fundamental II e no ensino médio, no qual a leitura muitas vezes perde seu caráter lúdico e se torna uma obrigação atrelada à preparação para avaliações e vestibulares. Essa mudança de foco pode desestimular os estudantes, destacando a necessidade de práticas mais dinâmicas e criativas que mantenham vivo o interesse pela literatura.

Depois, enfatizamos a importância do professor-leitor como um modelo de inspiração para os alunos. A falta de hábito de leitura entre muitos docentes pode ser um dos fatores que dificultam a formação de leitores nas escolas, professores que não leem enfrentam dificuldades em transmitir a paixão pela literatura, e terminam limitando as oportunidades dos alunos de desenvolverem senso crítico e criatividade. Por outro lado, profissionais comprometidos com sua formação contínua e com o hábito da leitura possuem maior capacidade de engajar os estudantes e promover um ambiente de aprendizado mais dinâmico e inspirador.

Outro ponto foi a reflexão sobre os desafios enfrentados pelas escolas públicas, onde, muitas vezes, a ausência de recursos, materiais e infraestrutura adequados compromete o incentivo à leitura. A formação continuada dos professores aparece, então, como uma estratégia indispensável para transformar a sala de aula em um espaço de incentivo literário, superando as barreiras impostas pelo sistema educacional.

Ao final desta monografia, surgem algumas sugestões de práticas de sala de aula diante dos desafios levantados, algumas práticas podem contribuir para melhorar o engajamento dos alunos com a leitura:

1. **Criação de clubes de leitura:** Espaços nos quais alunos de diferentes turmas possam compartilhar livros, discutir histórias e sugerir obras uns aos outros. Junto a isso, a criação de um café da manhã literário seria uma ideia de local para que ocorra essa descontração.
2. **Rodas de leitura dramatizada:** Incentivar a encenação de trechos literários, explorando personagens e contextos, para despertar o interesse e promover a interpretação textual. Além disso, tribunais literários, nos quais as turmas podem ser divididas em grupos e cada grupo defende um ponto de vista da história.
3. **Jornadas literárias interdisciplinares:** Integrar livros paradidáticos com temas abordados em outras disciplinas, como História, Ciências ou Matemática, tornando a leitura mais contextual e atrativa. Uma ideia para que professores de outras disciplinas também possam integrar esse espaço, pois livros paradidáticos não precisam ser somente abordados na disciplina de língua portuguesa.
4. **Uso de tecnologias digitais:** Explorar audiobooks, podcasts literários e canais de booktubers, conectando os alunos ao universo literário por meio de ferramentas familiares a eles. Com a chegada da tecnologia, a ideia de mostrar outros formatos de livros podem ajudar os alunos que têm certo bloqueio com os livros físicos.
5. **Produção de textos pelos alunos:** Estimular a escrita criativa como complemento à leitura, permitindo que os estudantes experimentem o papel de autores e desenvolvam sua expressão.

Portanto, é evidente que o incentivo à leitura depende de ações articuladas entre professores, escolas e comunidade. O compromisso do docente, associado a práticas pedagógicas inovadoras, pode transformar a relação dos estudantes com os livros, ajudando a formar cidadãos mais reflexivos, críticos e autônomos. A literatura, enquanto ferramenta de emancipação, deve ser valorizada como parte essencial da formação humana.

Referências bibliográficas:

AGÊNCIA BRASIL. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>. Acesso em: 21 ago. 2024.

ARAÚJO, Edileuza Batista de; PEREIRA JUNIOR, Nilo Marinho; SANTOS, Janete Silva dos. *A importância do livro paradidático na formação de leitores literários nas escolas*. Disponível em: <https://biblioteca.unisced.edu.mz/handle/123456789/2593>. Acesso em: 22 out. 2024.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Ana Tereza; FURTADO, Suyany Erika; NASCIMENTO, Maria Ariane; ALVES, Francione Charapa. *A importância do professor-leitor na formação do aluno-leitor*. Disponível em: <https://acoesacademicas.ufca.edu.br/index.php/spae/ISEMIPROENSINO/paper/viewFile/2090/778>. Acesso em: 18 out. 2024.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Bruno Pereira dos; FONSECA, Marcelo Lopes da; ALVES, Adalgisa da Cruz. *O papel do professor como formador de alunos leitores: texto e leitor construindo conhecimento*. Disponível em: [file:///C:/Users/AnaBelle/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/LX5RF29Z/O%20PAPEL%20DO%20PROFESSOR%20COMO%20FORMADOR%20DE%20ALUNOS%20LEITORES\[1\].pdf](file:///C:/Users/AnaBelle/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/LX5RF29Z/O%20PAPEL%20DO%20PROFESSOR%20COMO%20FORMADOR%20DE%20ALUNOS%20LEITORES[1].pdf)

SOUZA, Renata Junqueira & COSSON, Rildo. *Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula*. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 12 ago 2024.

SILVEIRA, Éderson Luís; BATISTA, Marcos dos Reis. *Ensino de Literatura e de Leitura Literária: desafios, reflexões e ações*. Porto Alegre-RS: Editora Fi, 2019.

THE NEW LONDON GROUP. *A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures*. *Harvard Educational Review*, v. 66, n. 1, p. 66, 1996.